



# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

Marcelo Máximo Purificação  
Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
Lucineide Maria de Lima Pessoni  
(Organizadores)



# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

**Marcelo Máximo Purificação  
Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
Lucineide Maria de Lima Pessoni  
(Organizadores)**

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
 Lucineide Maria de Lima Pessoni

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 A interlocução de saberes na antropologia 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-709-3

DOI 10.22533/at.ed.093211301

1. Antropologia. 2. Saberes. I. Marcelo Máximo Purificação (Organizador). II. Maria Filomena Rodrigues Teixeira (Organizadora). III. Lucineide Maria de Lima Pessoni (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

“ (...) A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004: p.138).

Prezados/as leitores/as, apresentamos a vocês a obra: “A Interlocação de Saberes na Antropologia 3”, organizada a partir da perspectiva dialógica de estudos desenvolvidos por pesquisadores/investigadores do Brasil, Portugal, Moçambique e Uruguai. Uma obra perpassada por temas amplos e alargados dentro do ponto de vista da antropologia e áreas afins, dos quais citamos: etnógrafos, etnicidade, ancestralidade, cultura, comunidade quilombola, consumismo, Estado, gêneros, identidade étnica, dependência química, experiência multissensorial, jovens, mudanças climáticas, natureza, mar, sexo, ontologia tsonga- tumbuluko, recursos naturais, redes locais de cuidado, saber profissional, transexualidade, virada ontológica e etc.

Organizada em treze capítulos, que possibilitam o encontro de saberes, vistos a partir da lupa de artefatos históricos, sociais, culturais e políticos, estabelecendo liames com a antropologia numa perspectiva crítica e reflexiva. Pesquisas elaboradas nessa natureza (crítica/reflexiva) interligando saberes antropológicos, têm grande potencial de (des/re) territorialização de novos saberes, como bem afirma Rogério Haesbaert (2004)<sup>1</sup> Esses novos saberes, vistos pelo viés da antropologia reverberam discussões que podem colaborar para conhecimentos limítrofes às racionalidades, as sociedades e as culturas. Isto dito, desejamos a todos/as, uma boa leitura. Que os textos, contidos nesta obra, possam possibilitar a vocês leitores/as movimentos reflexivos constantes e novos conhecimentos.

Dr. Marcelo Máximo Purificação  
Dra. Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
Dra. Lucineide Maria de Lima Pessoni

---

<sup>1</sup> HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad.: Bertrand Brasil. Anteriormente citado na epígrafe dessa sessão.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONSTRUIR SABER PROFISSIONAL DE TERRENO COM JOVENS ETNÓGRAFOS SOCIAIS	
Telmo H. Caria	
DOI 10.22533/at.ed.0932113011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES	
Viviane Sales Oliveira	
Marise de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0932113012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
“É MUITA FALTA DE IMAGINAÇÃO”: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A (NEO)MATERIALIZAÇÃO DO SEXO E DO ESTADO A PARTIR DE PROCESSOS JURÍDICOS DE RETIFICAÇÃO DE NOME CIVIL E DE GÊNERO EM PORTO ALEGRE/RS	
Lucas Riboli Besen	
DOI 10.22533/at.ed.0932113013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA	
Fronika Claziena Agatha de Wit	
DOI 10.22533/at.ed.0932113014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
EMBATE ONTOLÓGICO ENTRE A INSTITUIÇÃO MÉDICA EM MOÇAMBIQUE E AS PRÁTICAS DE CURA TSONGA	
Nosta da Graça Mandlate	
DOI 10.22533/at.ed.0932113015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE	
Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.0932113016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY	
Leticia D'Ambrosio Camarero	
DOI 10.22533/at.ed.0932113017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>97</b>
INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS	

MASCULINAS

Janine Targino

DOI 10.22533/at.ed.0932113018

**CAPÍTULO 9..... 112**

“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Juliana Abonizio

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

Susana Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.0932113019

**CAPÍTULO 10..... 124**

NATUREZA E CULTURA: DO AUSTRALOPITHECUS AO HOMO SAPIENS SAPIENS E AO “HOMO CRETINENSIS”

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.09321130110

**CAPÍTULO 11 ..... 139**

REDUCCIONISMO CONSUMISTA: ANTROPOLOGIA EM RISCO

Manoel Cambuim de Lima

Jacir Alfonso Zanatta

DOI 10.22533/at.ed.09321130111

**CAPÍTULO 12..... 152**

ENVELHECIMENTO E DOENÇAS CRÓNICAS: DAS VULNERABILIDADES À FRAGILIDADE

Marta Maia

Oswaldo Matavel

DOI 10.22533/at.ed.09321130112

**CAPÍTULO 13..... 158**

ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

DOI 10.22533/at.ed.09321130113

**SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 165**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 167**

# CAPÍTULO 7

## HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY

*Data de aceite: 04/01/2021*

**Leticia D'Ambrosio Camarero**

Universidad de la República -Centro  
Universitario de la Región Este  
Maldonado, Uruguay  
<https://orcid.org/0000-0001-8181-9955>

**RESUMEN:** Distintas formas de conocer, experimentar y habitar el mar y la costa, dan cuenta de procesos en ese espacio en el cual confluyen variadas prácticas. En este artículo trato de tres en particular: el surf, las investigaciones en biología, la pesca artesanal. Presento reflexiones surgidas de la etnografía que realicé en el marco de mi tesis de doctorado, cuya intención fue dar sentido y mapear dichas experiencias. Con tal propósito me sumergí en las maritimidades buscando aportar a las discusiones teóricas sobre el estudio de la relación de los grupos sociales con el entorno y sobre las formas de socialización del ambiente en la exploración social de sus bienes. Teniendo en cuenta, asimismo, que en el estudio de las diversas prácticas surgieron aspectos que hacen a la particularidad de la historicidad del entorno, a políticas públicas, representaciones sociales, distintas ontologías, diversas materialidades y cartografías múltiples. En este artículo me detendré en las convergencias entre las prácticas mencionadas, específicamente en lo que refiere a las experiencias multisensoriales en la cotidianidad de las prácticas y en la transmisión de las mismas. Así como la importancia del “estar

ahí” para los actores sociales y para el desarrollo de esta investigación.

**PALABRAS CLAVES:** Experiencia multisensorial/ mar / conocimientos.

### INHABITING THE COAST AND THE SEA: A STUDY ON MARITIMITY IN EASTERN URUGUAY

**ABSTRACT:** Different ways of knowing, experiencing and inhabiting the sea and the coast, give account of processes in that space in which various practices converge. In this article I treat three in particular: surfing, biology research, artisanal fishing. I present some reflections arising from the ethnography that I carried out in the framework of my doctoral thesis, whose intention was to give meaning and to map those experiences. With this purpose I immersed myself in coastal territorialities seeking to contribute to the theoretical discussions on the study of the relationship of social groups with the environment and on the forms of socialization of the environment in the social exploration of their goods. Bearing in mind also that in the study of the different practices, aspects emerged that make the particularity of the historicity of the environment, public policies, social representations, different ontologies, diverse materialities and multiple cartographies. In this article I will focus on the convergences between the practices mentioned, specifically regarding multi-sensory experiences at the coast and the sea and its transmission. As well as the importance of “being there” for social actors and for the development of this research.

**KEYWORDS:** Multisensorial experience/ sea / knowledge.

## INTRODUCCIÓN

Este artículo trata sobre distintas formas de conocer, experimentar y habitar el mar y la costa, dando cuenta de pliegues y procesos en este espacio en el cual confluyen diversas prácticas: económicas, recreativas, de producción de conocimiento, entre otras.

Uno de los objetivos de la investigación- que dió lugar a las reflexiones que presentamos aquí- fue dar cuenta de la particularidad de este espacio- sin pensarlo como un espacio excepcionalmente distinto a otros- y conocerlo desde las trayectorias de distintos actores sociales. En dicho estudio analicé las “asociaciones” y los “actantes” que allí convergen, abordándolo como un espacio con una historia, una constitución física y múltiples dimensiones, entendiéndolo como condición de posibilidad de la experiencia social (Segura, 2015). La intención de la etnografía de varios años, ha sido dar sentido y mapear las experiencias entorno al habitar la tierra, la costa y el mar en una localidad de la costa uruguaya. Conocer como ha sido “vagabundear” en esos espacios a través del tiempo, desde distintas prácticas, ritmos y posibilidades. Las narrativas de mis interlocutores, en esta investigación, buscan acercar al lector a distintas dimensiones y modos de transitar el tiempo y el espacio. Para ello me sumergí en las maritimidades y territorialidades costeras de pescadores, investigadores de las ciencias biológicas y surfistas. Y estudié no solamente las relaciones de los actores sociales con el entorno marítimo costero, sino que también las relaciones entre ellos en dicho entorno, y la heterogeneidad al interior de cada práctica.

A diferencia de una mirada determinista o reduccionista esta perspectiva busca entender como las diferentes experiencias perceptivas y las prácticas- junto a otros procesos históricos- han incidido en las formas de habitar dicho espacio. Siguiendo a Ingold hago hincapié en la relación de los sujetos en el movimiento, en el vagabundeo por los lugares, en la forma de relacionamiento entre humanos, no-humanos y naturaleza o lo que define como ambiente, entendiéndolo como una zona de interpenetración que está continuamente en construcción de acuerdo a las prácticas humanas y no humanas (Ingold, 2012). Ello implicó, estudiar en el mar, con el mar no como telón de fondo sino como condición de posibilidad de la experiencia social. Teniendo en cuenta que “los elementos materiales del lugar no determinan acción alguna, pero no significa que pueda concluirse de esto, que tampoco hacen alguna cosa” (Latour;2005:).

En esta búsqueda me pregunté, hasta que punto el mar y la costa, y en particular la condición marítimo-costera, pueden ser entendidos como un lugar específico que da lugar a un tipo determinado de experiencias. “Entretanto, mar y tierra, son gobernadas por una lógica que no depende de la voluntad de los hombres... poseen movimientos y temporalidades propias” (Colaço, 2015:156). El mar con características más dinámicas e incontrolables que las atribuidas a la tierra” (Colaço, 2015:157).

Profundicé no solamente en cómo ha sido construido el espacio marítimo-costero, sino que también en los procesos de “habitarlo” (Ingold, 2002). Por ello tomamos la perspectiva de Ingold en diálogo con Latour, quien hace hincapié en la relación de los sujetos en el movimiento, en el “vagabundeo” (Ingold, 2012) por los lugares. Teniendo esto en cuenta, busqué continuidades en ese espacio, entendiendo que al mismo tiempo que el espacio es condición de posibilidad de la experiencia social, es construido histórica, económica y políticamente, y esos elementos también inciden en las experiencias perceptivas y prácticas.

En este sentido, Ther (2006) enfatiza la dimensión dinámica del territorio, lo que implica conocer/reconocer a los territorios locales aconteciendo, esta implicancia en contextos de interrelaciones significa que el acontecer – lo que sucede y está por suceder- convierte al territorio básicamente en espacio construido por el tiempo y en el tiempo, de manera que cualquier segmento de un territorio es resultado/proceso del tiempo de la naturaleza y del tiempo de los seres humanos y los pueblos que han habitado y habitan en él. Re-formulando esta perspectiva- de acuerdo a los planteos de Ingold (2002, 2012)- busqué responder la pregunta de cómo ha sido el proceso de habitar el espacio marítimo-costero en un balneario de Maldonado.

Centré mi mirada en los actores sociales con el objetivo de analizar sus experiencias de “construcción de sentido” (Wright, 2008) del espacio marítimo- costero y sus diferentes formas de percibir, imaginar e interactuar con este.

## **AVISTANDO EL MAR Y “EL CAMPO” EN PUNTA DEL ESTE**

El área costero-marítima a la cual me referiré se encuentra en el departamento de Maldonado, comprende la faja costera (litoral costero y sus lagunas) circundante a Punta del Este. La investigación se desarrolló en Punta del Este y en balnearios y poblados aledaños <sup>1</sup>. Siendo este balneario un destino de turismo internacional que genera, no solo en los turistas y potenciales turistas, una representación de este sitio donde el relato como balneario exclusivo, lujoso y costoso tiene una gran impronta.

Múltiples imágenes circulan en el verano (en Uruguay y en los países de la región), en distintos medios de comunicación, donde se puede ver a personas internacionalmente famosas, en momentos de ocio y recreación en el distinguido balneario.

Es importante señalar que para quien viene de afuera, Punta del Este es todo lo que bordea la costa, apenas se llega al lomo de Punta Ballena<sup>2</sup> o inclusive antes, al llegar al aeropuerto de Sauce de Portezuelo (21 km antes de llegar a la ciudad de Punta del Este), y se extiende hasta José Ignacio (en el límite con el departamento de Rocha). Esa es la

<sup>1</sup> Al Oeste: Piriápolis, Punta Negra, Portezuelo, Punta Ballena, ciudad de Maldonado, Maldonado Nuevo y al Este: El placer, El tesoro, La Barra, Manantiales, Balneario Buenos Aires, José Ignacio, ciudad de Rocha y La Paloma (Rocha)

<sup>2</sup> Se denomina así a la península y formación rocosa que separa al Balenario Portezuelo de la Playa Las Grutas esta última limita con la Bahía de Maldonado. Se le llama “lomo de la ballena” porque al ser una porción de tierra que se eleva por unos metros del resto del terreno, desde lejos parece una ballena.



idea del balneario como marca, como destino turístico. Llevando inclusive a que algunos emprendimientos turísticos y de bienes raíces se definan como geográficamente situados en dicho balneario, aunque en algunos casos se encuentren en otro departamento.

Lo interesante es que cuando me sumerjo en las categorías nativas sobre los límites geográficos del territorio, vemos que se comienza a redibujar el territorio, aparece un nuevo mapa, una cartografía heterogénea y múltiple en la que surgen diversas localidades que se diferencian y cobran voz a través de los sentidos de pertenencia de los actores sociales que los habitan. El lugar se “reterritorializa” como definió, un interlocutor de esta investigación, al proceso por el cual los pobladores locales, principalmente las nuevas generaciones vuelven a la franja costera, luego que las generaciones de sus padres hayan sido desplazados por el proceso de presión inmobiliaria, entre otras aspectos. Andrés (surfista de 23 años, nieto de pescador artesanal) se refería a un balneario que vuelve a estar habitado por “locales” (aunque no exclusivamente) durante todo el año, donde se generan proyectos y propuestas que modifican la idea del lugar únicamente como destino turístico y habitado por turistas en verano, desierto en invierno.

En esta región se observa el desarrollo creciente del “turismo de sol y playa” que lleva a un crecimiento abrupto de los residentes en épocas de veraneo y a una presión inmobiliaria acentuada así como a la búsqueda de un “turismo alternativo”, la construcción intensiva de la franja costera que ha llevado a la necesidad de establecer nuevas normativas y planes de gestión del área marítima-costera, la marcada estacionalidad de las actividades desarrolladas, el desarrollo de pesquerías artesanales desde los comienzos de la ocupación del territorio, la práctica anual del surf como deporte y para muchos como “forma de vida”. A su vez, en las últimas décadas la localidad ha recibido un contingente importante de migrantes que se han establecido en el lugar de forma permanente atraídos por diversos motivos. Se observa la presencia de diversos grupos de investigación en el área de las ciencias biológicas que centran sus investigaciones en el área marino y costera.

Por otra parte, observamos que la región presenta una estrecha relación entre entorno costero-marítimo, pesca artesanal, actividades deportivas náuticas y turismo.

## MARITIMIDAD

En su análisis sobre el relacionamiento de los humanos con el mar y la costa, Corbin, realiza un interesante aporte, con su estudio sobre la invención de la playa. En este 3 Vestigios arqueológicos en la península de Punta del Este dan cuenta de la intensa actividad pesquera desarrollada por los grupos que ocuparon la región hace varios miles de años, en épocas prehistóricas. La abundancia de peces en la región ha sido destacada por los navegantes desde el siglo XVI, que muchas veces recalaban- voluntaria o accidentalmente- en la Isla de Lobos o Gorriti: registrando la presencia de “18.000 peces entre corvinas y enzovas, en un día” (cuaderno de un navegante, Seijo, 1945:19). El padre Cattaneo escribe que: “una pesca abundantísima de unos peces preciosos... en tal abundancia que apenas arrojaban el anzuelo lo recogían ya cargado” (Seijo, 1945:32). Identificando a la actual Isla Gorriti como “Isla das Corvinas” (Díaz de Guerra, 2008). Desconocemos sabemos si las pesquerías artesanales contemporáneas en Punta del Este guardan puntos de contacto con aquellas, sí existen documentos y relatos de que en sus inicios el pueblo fue formado por familias dedicadas entre otras actividades (cacería de lobos y ballenas, trabajo en saladeros, fortificación, comercio de ultramar, etc.) a la pesca artesanal.

observa las transformaciones en las percepciones, imágenes y representación del mar y el espacio costero- a partir del análisis de archivos- de cómo comienza en el XVIII la historia del gusto por la costa, por el mar, la invención del veraneo, la organización de la naturaleza litoraleña en balnearios y marinas. Con una “arquitectura del mar” propia. Estudiando el proceso en el que las aguas pasaron de ser vistas como: algo peligroso, desconocido a un lugar de recreación e inspiración (Corbin, 1989).

En este mismo sentido, para el caso de Uruguay, se presenta un proceso similar al que plantea Diegues (2003) en Brasil, donde “hasta recientemente, el mar era entendido, exclusivamente como parte del mundo natural, marcado por la existencia de flujo de los mares, y habitado por seres vivos no-humanos, objeto de estudios de la oceanografía y la biología marina” (Diegues;2003:12).

Siendo el objetivo de este autor y uno de los objetivos de este trabajo, “mostrar que el mar y los océanos, desde los principios de la humanidad fueron objetos de curiosidad, de conocimientos, de ricas simbologías y de prácticas culturales antiguas, ligadas a la pesca, la colecta, la navegación. Todas esas actividades fueron exigiendo un conocimiento creciente del mar y sus fenómenos, a partir de las prácticas culturales que se fueron acumulando... De ahí la importancia del concepto de “maritimidad”, para esta investigación, entendido como un conjunto de varias prácticas (económicas, sociales y, sobre todo simbólicas) resultante de la interacción humana con un espacio particular y diferenciado del continental: el espacio marítimo. La “maritimidad” no es un concepto ligado directamente al mundo oceánico en cuanto entidad física, es una producción social y simbólica”. (Diegues;2003:13)

## **CONTINUIDADES Y DISCONTINUIDADES EN EL ESPACIO MARITIMO-COSTERO**

En este artículo abordaremos, desde una perspectiva simétrica, las tres prácticas estudiadas: el surf, las investigaciones en biología y la pesca artesanal. Latour (2007) señaló, que el desafío que enfrenta la antropología es adoptar una mirada simétrica para sus objetos-sujetos de estudio y propone traer la antropología a casa y estudiar de igual forma prácticas de diversas culturas, estudiar a la propia cultura, tal cual como se estudiaría a una cultura “no occidental”. Siguiendo esta idea, fue que me propuse el desafío de estudiar en casa, tres prácticas, encontrando algunas continuidades entre las distintas experiencias en la relación con el entorno costero y marítimo, y en la diversidad de relaciones sociales, en dicho espacio.

Así como la experiencia urbana, plantea Segura (2015), se caracteriza por aspectos singulares que hacen al espacio y a la experiencia y construcción social del mismo, como mencionamos anteriormente, Maldonado (1994), Adomilli (2011), Colaço (2015), entre otros autores, observan que el mar define un conjunto de actividades y un lugar con una particularidad, donde diversos elementos adquieren una entidad especial, entre estos el

viento, las olas, el mar. Y donde la agencia pareciera estar en el mar, en la costa que con sus cambios, llevan a los individuos a enfrentarse a situaciones que se transforman en un aprendizaje. En el análisis de las tres prácticas observamos que “el mar” o “la mar” tiene una agencia importante en las descripciones de los individuos. Si bien las características que cada uno le atribuye difieren entre sí.

La pregunta que surgió fue: en qué medida, a partir de las experiencias diversas de los individuos se configura este espacio y al mismo tiempo configura las experiencias y sociabilidades diversas. Antes bien, con este análisis no se deriva una explicación determinista del ambiente sobre los comportamientos y sociabilidades, sino que busca dar cuenta de las asociaciones de los individuos y actantes en sus modos de habitarlo. Busqué objetivar las maritimidades a partir del estudio de las tres prácticas mencionadas.

Entre los elementos que los actores sociales destacan en las prácticas estudiadas, encontré los siguientes, que transversalizan, las tres prácticas:

**a)-** Por un lado el tener que lidiar con el cambio permanente, debido a las condiciones climáticas que llevan a enfrentarse a lo imprevisto. Aquí los actores sociales no se refieren al cambio climático globalizado sino a la particularidad de la costa en esta región, que llevó a que desde el siglo XV, con los primeros navegantes, se conociera al Río de la Plata como “el infierno de los navegantes” y que para algunos autores los testimonios dichas dificultades son la gran cantidad de naufragios suscitados en la zona (1500 documentados para la costa de Uruguay), los cuales eran causados principalmente por los cambios repentinos en los vientos.

**b)-** Por otro lado, el valor dado a la experiencia multisensorial en el proceso de habitar el entorno, y de desarrollar las actividades. La observación y el estar ahí, es valorada de forma diferente dependiendo de la forma de conocimiento frente a la que nos encontremos, no solo por tratarse de prácticas distintas sino que dentro de la misma actividad veremos que hay distintas formas de ser pescador artesanal, surfista e investigador en biología. Si bien dentro de los modos de conocer en las distintas prácticas encontramos algunos que explicitan más esta condición que otros, se menciona una materialidad y una construcción histórica del mar y la costa que lleva a que en las prácticas estudiadas la experiencia directa sea especialmente destacada y fuente de disfrute y conocimiento. Así los biólogos marinos destacarán aspectos que se aprende del estar en el lugar, al igual que los pescadores artesanales y los surfistas, aunque la legitimidad de dicha acción tenga un carácter distinto en cada una de las prácticas y en los distintos modos de conocer dentro de las mismas prácticas. Lo que destacamos en este artículo es como este componente es relevante en el proceso de adquirir la veteranía en cada práctica.

**c)-** Se observa la existencia de un calendario particular para cada una de las prácticas, en donde algunos aspectos están regidos por las cuestiones climáticas y ecológicas, por los recursos que son objeto de interés de los actores sociales, como ser las olas surfeables, los peces, los lobos marinos, los poliquetos, el plancton, los métodos de investigación. Y

otros aspectos están pautados por los ciclos de las actividades productivas como ser el turismo, que marca una fuerte estacionalidad. Dado por el importante flujo de turistas en épocas de verano, quienes llegan a Punta del Este en busca, de lo que se ha dado en llamar, “turismo de sol y playa”. Acompañando este crecimiento de población flotante con fines turísticos, se observan grandes migraciones de pobladores de otras regiones del país que buscan emplearse en la zona, pues es una época en la que los servicios (restaurantes, bares, negocios de venta de vestimenta y accesorios, souvenirs, entre otros) aumentan considerablemente, existiendo una mayor oferta laboral al resto del año y a otras regiones del país.

**d)-** Otro de los aspectos que tienen una incidencia en las tres prácticas es la creciente urbanización y el proceso de migración interna y el consecuente poblamiento de la costa. Este es considerado como sitio privilegiado de residencia a nivel nacional, por distintos motivos, donde se concentra el 69 % de la población del país<sup>4</sup>.

La urbanización de la costa lleva a que algunos surfistas lo vean como un sitio “un poco toqueteado” a diferencia de un ideal “natural” que a nivel nacional lo encontrarían en el departamento vecino de Rocha. Para los investigadores de las ciencias biológicas dicha mirada sobre el territorio se refleja en una búsqueda de lo intocado, lo “nativo” también en el vecino departamento, que estaría menos contaminado y donde aún se encuentran relictos de ecosistemas nativos (bosques psámofilo característico de la región costera atlántica). Desde la mirada de los pescadores artesanales las problemáticas acaecidas por la incidencia del hombre sobre el mar y los peces serían a nivel global, pues las flotas industriales (alteridad para los nativos de esta investigación), identificadas por los pescadores como una de las principales causas de la desaparición de peces actúan a nivel global. Por lo que el límite departamental o inclusive nacional no tiene tanta relevancia. Y al mismo tiempo este proceso se relaciona con el hecho de que muchos de los interlocutores en la actualidad residen en la zona, donde aumenta el número de actores sociales que desarrollan estas actividades y residen en el balneario y ciudades aledañas.

**e)-** Otro aspecto es la incidencia de las nuevas tecnologías en los distintos procedimientos de apropiación del espacio, de los modos de conocer y los cambios en los mismos. Con incidencia relativa dependiendo de las formas de desarrollar las prácticas. Este aspecto se vincula a su vez con una traslocación en la forma de imaginar el territorio y un conocimiento que se extiende más allá del territorio transitado. Los nuevos instrumentos

<sup>4</sup> “La zona costera uruguaya tiene una longitud aproximada de 714 km, es un espacio del territorio nacional definido por características naturales, demográficas, económicas y socioculturales específicas. En la zona costera uruguaya se distinguen tres macrocuencas, denominadas del Río de la Plata (12.400 km<sup>2</sup>), del río Santa Lucía (13.250 km<sup>2</sup>) y del océano Atlántico (8.600 km<sup>2</sup>). Está integrada por los departamentos de Colonia, San José, Montevideo, Canelones, Maldonado y Rocha. La ubicación en el territorio de estos cinco departamentos genera lógicas productivas diferentes en cada lugar y, sobre todo, en relación con el resto del país. La diferencia se debe, precisamente, a su ubicación, que permite el acceso a los recursos pesqueros, el comercio marítimo, las actividades turísticas en la costa, entre otras. Los departamentos comprendidos en la zona costera, poseen un alto potencial económico comparado con el resto del país, y Maldonado es el que presenta mayor ritmo de crecimiento cuando se lo compara con los otros departamentos situados al Este de la capital (Canelones y Rocha) (Menéndez y Piaggio, 2007, En: D’Ambrosio, et al; 2010:23)

pasan a tener también un papel importante en el cambio de los conocimientos de la pesca y del entorno, como es el caso del uso de ecosondas. Se presenta una relación donde el conocimiento del ambiente marítimo no puede ser separado del dominio de una determinada tecnología, lo mismo ocurre en el surf y en las ciencias biológicas.

**f)-** Las tres prácticas están atravesadas por las dimensiones de centro y periferia, dimensiones locales y globales. Observamos que lo local se hilvana con elementos globales, habitar un espacio local invoca imágenes y vivencias de otros espacios situados fuera de esa localidad. En este sentido tomé la invitación de Latour a seguir las interacciones que son desbordadas por muchos otros sitios, para encontrar los orígenes de esos numerosos ingredientes (Latour, 2005). Siguiendo a Reboratti coincidimos en que no se puede decidir en donde se ubica el actor en la escala, que va de pequeño a grande, con cambios repentinos de escala, siendo la única solución posible para el analista tomar el cambio mismo como dato y dejando de pensar a la escala como un zoom bien ordenado, (Reboratti, 2001).

Otra dimensión de lo local y lo global es la categoría de centro y periferia, en muchos casos en este estudio los actores sociales se perciben como periféricos, y lejanos del lugar donde se desarrollan las prácticas desde la centralidad, desde el origen, o desde la legitimidad de las mismas.

**g)-** Se observa la existencia dentro de las tres actividades, de materialidades especiales, como ser tablas de surf, embarcaciones, trajes de neopreno, papers que determinan una posición dentro del grupo de “pares” y tienen una condición de entidad que trasciende al objeto.

**h)-** Por otro lado, comparten algunas experiencias en la condición del entorno marítimo costero, de ser un espacio de uso común que es construido en cada momento<sup>5</sup>, en las interacciones de los actores presentes, que desarrollan determinada sociabilidad. Entran en juego elementos en las formas de “apropiación”, territorialización, que dan cuenta de cierta especificidad del territorio marítimo costero que atraviesa a todos los grupos estudiados, el cual presenta diferencias en la formas de propiedad y uso del territorio continental. Entre estas, la presencia del secreto y la mentira como estrategia de asegurar el control y la propiedad sobre los bienes, en relación a los conocimientos generados como forma de control sobre los bienes públicos, etc. Se observan aquí algunos conflictos intra e inter grupales en las disputas por los significados y usos del territorio.

**i)-** En las tres prácticas se destaca, en la interacción con el entorno marítimo costero, el desafío del encuentro con lo desconocido que implica una aventura cotidiana, y de lidiar

5 Si bien en Uruguay no existe aún un marco institucional y legal específico con relación a las zonas costeras existen sí normas e instituciones que tienen que ver con su manejo. Además, el Proyecto de Ley de Ordenamiento y Desarrollo Territorial Sostenible establece en su artículo 10 la elaboración de las Directrices Nacionales del Espacio Costero. Las mismas constituyen el instrumento general de la política pública en la materia y tendrán por objeto, entre otros, el establecimiento de los principales objetivos estratégicos nacionales, la definición de la estructura territorial, la identificación de las actuaciones territoriales estratégicas, la determinación de espacios sujetos a un régimen de protección especial y las modalidades de uso y gestión de los recursos naturales”. (Informe Geo Uruguay 2008:3). En lo que respecta a las actividades marítimas, dependientes de la DINARA existen diversas reglamentaciones que monitorean y fiscalizan las actividades de las pesquerías artesanales.

con lo inesperado, con características más dinámicas e imprevisibles que las atribuidas a la tierra. (Maldonado;1994:157). Al respecto para su estudio sobre los pescadores artesanales, Maldonado observa que “esas prácticas y modos de vida se construyen en relación a un medio tanto física como socialmente inestable e imprevisible. El mar, espacio de vida de los pescadores marítimos, es marcado por la fluidez de las aguas y de sus recursos, por la inestabilidad continua provocada por factores meteorológicos y oceanográficos... Sin embargo, alejándose del peligro del determinismo geográfico, Geistdoerfer (1989) afirma que los hombres del mar saben colocar en práctica sistemas sociales, económicos y religiosos destinados a ocupar, explorar, gestionar e imaginar el mar y sus recursos. Esos sistemas atribuyen a las características naturales del océano una dimensión antropológica (Geistdoerfer, 1989, En: Maldonado;1994:158).

En la misma dirección que Maldonado y Geistdoerfer, en el estudio de Adomilli de los pescadores de Sao Jose do Norte, la territorialidad de los actores sociales, en cuanto condición de vida, esta pautada por la noción de riesgo y de peligro, siendo este el hilo conductor de su tesis cuya perspectiva de la territorialidad esta tensionada en cuanto condición de riesgo y de peligro a partir de las narrativas y de la cuestión de la dinamicidad del modo de vida de los pescadores (Adomilli, 2007).

**j)-** La diferenciación del género en la posibilidad de acceso al espacio marítimo costero, surge como elemento de una primacía masculina sobre lo marítimo, reservando a las mujeres (no exclusivamente) los espacios ligados a la tierra o en caso de transitar dichos espacios muchas veces este tránsito es invisibilizado por el colectivo. Si bien esto adquiere diferentes matices en cada práctica, es una constante que el género femenino tenga un acceso más limitado. Y que no sea legitimada su práctica. La construcción de las relaciones de género en estas prácticas están atravesadas por: un acceso diferenciado a los espacios, por una división sexual del trabajo para el caso de las pesquerías artesanales y por un cambio gradual de estos aspectos para alguna de las prácticas.

Vinculado a este aspecto, se observa la oposición y al mismo tiempo complementariedad de la tierra y el mar como dominios diferentes, por momentos opuestos y distantes, en otros mixturados y cercanos, relación que se presenta en transformación a lo largo del tiempo.

**k)-** Pareciera existir una predominancia de la agencia de los no-humanos sobre los tiempos de los humanos, la cual se articula en gran medida con la temporalidad ecológica que incide en las tres actividades.

Viendo que, por razones de tiempo y espacio, no podremos desarrollar todas las dimensiones mencionadas anteriormente, en este artículo abordaremos las convergencias referidas a la experiencia multisensorial y de los cambios producidos a partir de la introducción de nuevas tecnologías, en el proceso de habitar el entorno, relacionado con las tres prácticas.

## Clasificaciones de biólogos, pescadores artesanales y surfistas: repertorios y recursos

Del análisis de los datos etnográficos se desprende una convergencia entre algunas modalidades de desarrollar las tres prácticas, referida a la importancia de la experiencia multisensorial en el proceso de aprendizaje y legitimación de las prácticas. Esto se observa para una de las clasificaciones de biólogos, de pescadores artesanales y surfistas, si bien, como veremos más adelante, la legitimidad de esto tiene un carácter distinto en cada una de las actividades y en los distintos modos de conocer al interior de las mismas prácticas. Antes de desarrollar dicho aspecto, voy a detenerme en el marco conceptual a partir del cual construí, con fines analíticos, las clasificaciones que surgen en cada una de las prácticas. Uno de los aspectos relevantes de estas clasificaciones es que nos hablan de matices de alteridad dentro de las prácticas. El desarrollo de la práctica diferenciadamente del modo en que otros la desarrollan, nos permite acercarnos a la heterogeneidad dentro de los colectivos de naturalezas-culturas.

En los procesos de “habitar” (Ingold, 2002) el espacio marítimo-costero, observamos que la relación de los actores sociales en el movimiento, el “vagabundeo” (Ingold, 2012) por los lugares adquiere formas diversas, en las que priman distintos sentidos, estrategias, modalidades, posibilidades y conocimientos. En estos procesos los actores sociales pueden adquirir, poner en circulación o movilizar determinado recurso, el cual señala Noel, “en principio... aparecerá objetivado en alguna forma, ya sea como objeto propiamente dicho o como parte de la práctica de otros actores, muchos de entre ellos irán siendo incorporados -junto con una o más de sus modalidades socialmente disponibles de uso- como disposiciones más o menos duraderas (Bourdieu, 2006)” (Noel;2013:17).

Los recursos con los que los actores sociales van siendo puestos en contacto a lo largo de sus trayectorias biográficas pueden ser analíticamente reunidos en una serie de repertorios. Los repertorios pueden pensarse como conjuntos más o menos abiertos y más o menos cambiantes de recursos asociados sobre la base de afinidades fundadas en sus modalidades socialmente habituales de adquisición, circulación, acumulación, acceso o uso en determinado colectivo de referencia (Noel, 2013).

Dentro de cada práctica estudiada, veremos que hay distintas formas de ser pescador artesanal, surfista e investigador en biología; observamos que existen distintos repertorios, pudiendo establecerse, como herramienta metodológica, una clasificación nativa dentro de dichas prácticas. Es importante señalar que dentro de estos repertorios existen recursos compartidos, que son transversales a las distintas prácticas. Y por otro lado, es relevante señalar que las prácticas se entrecruzan en las trayectorias de los actores sociales; por ejemplo, en las experiencias de pescadores artesanales que practican el surf y trabajan en proyectos con biólogos marinos, o de quienes son investigadores de biología marina pero sus padres fueron pescadores artesanales, o surfistas cuyos abuelos se dedicaban a la

pesca artesanal, entre otros múltiples cruces. Por lo tanto, cuando hablo de pescadores, surfistas o biólogos debe entenderse que me refiero a clases de prácticas y no a clases de personas.

En este sentido, el concepto de repertorio, en la medida en que no son sino una manera económica de referirnos a asociaciones habituales de recursos en un escenario dado: los actores sociales contribuyen con frecuencia a la reconfiguración activa de uno o más repertorios -esto es, de asociaciones socialmente disponibles de recursos- modificando viejas asociaciones, agrupando, reinterpretando, trasladando o removiendo recursos en asociaciones nuevas, a la vez que desarrollando, transformando, imitando, aprobando o censurando formas socialmente disponibles de movilizarlos y combinarlos (Noel, 2013), permitiéndonos entender estas clasificaciones de actores y prácticas desde una perspectiva dinámica y transversal a todas.

Encontramos dentro de los investigadores en ciencias biológicas, la siguiente clasificación: “bio-informáticos”, “genetistas”, “naturalistas”, “observacionistas”, “científicos, modelistas o teóricos” e “integrales”. Es importante mencionar que esta clasificación no busca ser exhaustiva ni generalizable a las investigaciones en ciencias biológicas, sino que se desprenden de los análisis realizados en esta investigación, en un estudio de caso en particular, aunque hay elementos que los interlocutores traspolan a otros espacios y tiempos. Pudiendo existir distintos gradientes dentro de uno u otro tipo, así como prácticas que combinan varios de estos tipos y personas que utilizan los métodos de uno y otro dependiendo de los objetivos de cada investigación.

Para cada uno de estos repertorios se activan distintos recursos, como ser el trabajo de campo, los muestreos, la posibilidad de teorizar, construir modelos universales, publicar en revistas arbitradas internacionales de gran renombre, la interacción con actores sociales diversos entre los que se destacan los usuarios de las zonas estudiadas y/o actores sociales vinculados al uso de los bienes naturales, relacionamiento con las especies estudiadas, la elección de la temática de estudio, el relacionamiento con los centros hegemónicos de producción de conocimiento, entre otros. Estos recursos se activan de formas diversas para cada uno de los repertorios.

Para el caso de los pescadores artesanales elaboramos, a partir de los datos etnográficos, la siguiente clasificación: pescadores artesanales versus pescadores industriales, “buzo-mejilloneros”. “hombres de mano” y novatos, “descendencia vieja de pescadores” y los recién llegados a la costa, “hombres artesanales” y pescadores asalariados, pescadores del oeste, pescadores de Montevideo, pescadores de San Luis, pescadores de Piriápolis, pescadores de la Paloma, pescadores de Rocha, pescadores “machineros”, trabajadores, responsables y pescadores bohemios, “pescador y hombre de campo” y “pescador gaucho”. Los distintos recursos y repertorios movilizados, refieren a distintas dimensiones vinculadas a la práctica, una de estas alude a un estilo de vida, un determinado relacionamiento con la naturaleza, al lugar de origen del pescador, relación



con los medios de producción, tipo de especie y arte de pesca utilizado, género, desempeño y experiencia en la actividad, el rol dentro de las pesquerías, gusto por el oficio y el mar, entre otros elementos.

Los surfistas pueden ser organizados analíticamente en la siguiente clasificación: “surfista de alma”, “surfista pro”, “surfista local” y surfista no local, “surfista tierra”, “surfista gaucho”, “surfista chambón” o surfista experiente.

Los distintos recursos y repertorios movilizados, refieren a distintas dimensiones vinculadas a la práctica, una de estas refiere a una filosofía o estilo de vida, un determinado relacionamiento con la naturaleza, al lugar de origen del surfista, su desempeño dentro del agua, el tiempo que lleva realizando la actividad, si es un novato o un surfista con experiencia, entre otros elementos.

Como señalé en el capítulo introductorio las tres prácticas estudiadas corresponden a lo que parecieran ser esferas distintas de la vida, una de estas: el surf, vinculada a lo recreativo y al ocio, aunque vimos que no solo se relaciona con este aspecto, puesto que en algunos casos refiere a características particulares, identidades políticas y prácticas vinculadas a un “lifestyle” global y localizado (Wheaton, 2004).

### **La experiencia multisensorial del espacio marítimo-costero.**

En las tres prácticas se destaca la experiencia multisensorial en la que el actor “habita”, experimenta el lugar a través de distintos sentidos, donde despliega en algunos momentos su gusto por el mar ( que va desde un gradiente de un disfrute permanente a un disfrute ocasional).

En lo que refiere a los pescadores artesanales, dentro de los recursos que se ponen en escena en el momento de adscribirse al repertorio de los “hombres de mano” se encuentra el tener experiencia de trabajo en el oficio y haber pasado por todos los roles del marinero dentro de la embarcación.

Andrés, pescador de 57 años que viene de una “familia de pescadores”, relata que cuando él aprendió el oficio, la forma de aprender estaba pautada por algunas estrategias que llevaban a que los novatos debieran esforzarse el doble que los otros pescadores para lograr la misma paga. Para ello le bajaban el pago por las actividades realizadas, por ejemplo cada palangre alistado por un novato valía un tercio o menos de los alistados por pescadores experientes, por caja de pescado que le correspondía, también le bajaban el valor, por cantidad de mejillones extraídos, etc., nos explica que esto llevaba a que tuviera que esforzarse por hacer más que el resto de los tripulantes de la embarcación para así igualarlos en la ganancia. Lo que para este pescador, redundaba en un aprendizaje más intensivo en la etapa de iniciación en el oficio.

La observación del mar, saber “leer el mar” es un conocimiento preciado por los pescadores, por ello muchas veces destacan la importancia de vivir cerca de la costa, para mirar y saber si el día estará apto para salir embarcado.

Juan nos comenta que lo primero que les decía a los novatos era: “que se bañara, que nadara, se bañara en el agua salada y se fuera adentrado en el ambiente”. Después se les enseñaba a observar las mareas y la dirección del viento, con estos elementos se podía prever la llegada de un temporal.

De lo anterior se desprende que la experiencia multisensorial es destacada en la formación de los pescadores, de los “hombres de mano”.

Los pescadores de mediana edad, consideran que parte de este conocimiento se ha perdido para las nuevas generaciones, en este sentido, señalan que el conocimiento que se tiene del mar es menor al que se tenía anteriormente. De igual modo la experiencia multisensorial disminuyó, desde la percepción de los pescadores mayores.

Anterior al uso GPS<sup>6</sup> los sitios de buena pesca se marcaban utilizando referencias puntos observados en tierra, por ejemplo luces de edificios, paradores localizados en la franja costera, o de alguna estación de venta de combustible que se caracterizan por marquesinas de fuertes colores, el Faro de Isla de Lobos, etc.

Así como la ecosonda<sup>7</sup> y el gps modificaron los procedimientos para encontrar cardúmenes y marcar los sitios de pesca, como ser lugares donde desovan, o comederos, estos dispositivos electrónicos se utilizan también para encontrar y marcar los bancos de mejillones.

La importancia de esta experiencia, es acompañada en algunos momentos por el gusto por el mar, para los: “hombres de mano” y novatos, “descendencia vieja de pescadores” y los recién llegados a la costa, “hombres artesanales” y pescadores asalariados, pescadores del oeste, pescadores “machineros”, trabajadores, responsables y pescadores bohemios, “pescador y hombre de campo” y “pescador gaucho”. En este sentido, observamos que a pesar de que existen diversas formas de acercarse a la pesca, status y roles, formas de percibir y experimentar el entorno, en los relatos de los interlocutores se describe el mar como un actante que los iguala.

Aunque este disfrute no es permanente y algunas veces antecede mientras que otras es bastante posterior a la decisión de iniciar el oficio. La cotidianidad del pescador, en cambio, es descripta muchas veces como formando parte de lo que algunos consideran un “trabajo muy perro”, el frío, los riesgos, la incertidumbre (en relación a la captura y a las condiciones del clima).

En cuanto a los biólogos, la experiencia multisensorial, enunciada por los interlocutores, como la intuición, la observación, los olores, el sentir un ambiente, del entorno no es siempre validado científicamente por los “biólogos de campo”, pues lo que tiene un valor científico son las mediciones sistemáticas, medibles, etc. sin embargo en sus relatos estas experiencias son relevantes en la construcción del conocimiento y en los resultados

6 Se llama así al dispositivo, por las siglas en inglés correspondientes a “Global Positioning System”: “sistema de posicionamiento global”. Su funcionamiento consiste en, mediante un sistema de navegación de satélites en órbita sobre el planeta, enviar información sobre la posición.

7 Es un aparato que mide la profundidad o distancia a la que está un cuerpo mediante un sistema con ultrasonido.

de las investigaciones. En este sentido, a quienes se asocia con la actividad de observación y experiencia asistemática es a los denominados “naturalistas y observacionistas”, que son “otros” situados en un pasado. La diferencia de estos con los “biólogos de campo”, “científicos, modelistas o teóricos” radicaría entre otros aspectos, en la forma de realizar las observaciones y los fines de las mismas.

Este cambio puede estar relacionado con lo que señala Valentin, refiriéndose al desarrollo histórico de la disciplina “la biología durante todo el siglo XX hubo mucha gente de matemáticas, física, química que empezó a trabajar en biología entonces eso trajo otras...”

A pesar de que para algunos tipos de biólogos es más importante construir modelos teóricos frente a las observaciones y descripciones, hay un aspecto del repertorio de los “biólogos de campo” que es valorado como recurso: “ir al campo”. A pesar de que en el repertorio del biólogo genetista, bio informático este recurso no se manifieste en su repertorio.

Al mismo tiempo, como señalábamos anteriormente, si bien la observación asistemática, no es movilizada como un recurso por el repertorio de los biólogos “de campo, teóricos, modelistas, bio-informáticos”, reflexionando sobre el proceso de producción de su tesis Viviana, expresa que siempre estuvo presente la observación sin un “formato” preestablecido y es percibida por ella, como fundamental para la obtención de los resultados que tuvo en su investigación

A diferencia de Viviana, Facundo plantea que la práctica de la observación sin un medición no correspondería al científico, sin embargo en su relato menciona que realiza una observación no tan sistemática, que considera de disfrute pero que al mismo tiempo pareciera que releva información en un cuaderno de campo, durante esos momentos. En este sentido, el trabajo de campo, es una de las etapas de la actividad que conlleva un mayor disfrute de acuerdo a lo expresado por quienes desarrollan las investigaciones en biología, inclusive para quienes no movilizan como recurso de su repertorio las tareas que acompañan las salidas de trabajo de campo, como es el caso de los biólogos bio-informáticos.

En lo que respecta al trabajo de campo en el mar, la experiencia de disfrutar dicho espacio es compartido por los distintos tipos de biólogos, al mismo tiempo que dentro de las otras prácticas, como veremos en los otros capítulos, independientemente del tipo de práctica, a la cual se refieran.

El gusto por la salida de campo, es una de las etapas de la actividad que conlleva un mayor disfrute de acuerdo a lo expresado por quienes desarrollan las investigaciones en biología, inclusive para quienes no movilizan como recurso de su repertorio las tareas de campo, como es el caso de los biólogos bio-informáticos.

En épocas recientes se observa que el experimentar el lugar, el ambiente, esta signado algunas veces por el encuentro con otros humanos, en algunos casos esto es

incorporado y valorado positivamente, explicitando los aportes de otros saberes, otros conocimientos prácticos de los lugares, otras sin considerarlo explícitamente pero sin embargo incluyendo esos otros conocimientos en el proceso de investigación.

Uno de los repertorios que surge dentro de la práctica del surf, es el del “surfista de alma”, siendo uno de los recursos que activan estos surfistas, el de la experiencia multisensorial en el contacto con la naturaleza, que lleva a una vivencia de tipo espiritual. Este tipo de surfista se diferencia del “surfista pro”, que de acuerdo al relato de los interlocutores de este trabajo, practica el surf como un deporte y una competencia, por lo que la experiencia de tipo espiritual no es tan relevante.

Al igual que para el caso de los “hombres de mano” y los biólogos de campo, para los surfistas de alma, el estar ahí es una de las claves para lograr un aprendizaje de la práctica. En este sentido refiriéndose al aprendizaje de las condiciones climáticas y físicas adecuadas para surfar.

Si bien, en épocas recientes el uso de internet es un apoyo para la previsión de las variables del tiempo, como se analiza más adelante en este artículo, Martín, al igual que Vicente, señala que se apoya en las páginas web pero desde chico desarrolló la observación y fue incorporando el conocimiento de los vientos, las olas.

Esta modificación, implicó que las estrategias utilizadas anteriormente para garantizar el acceso exitoso (el cual está marcado principalmente por la exclusividad casi total en detrimento de la masividad) a las olas, ya no sean tan efectivas. Pero, si bien, el conocimiento de las condiciones climáticas ya no garantizan el acceso exclusivo a las olas, por la difusión de dicha información a través de las nuevas tecnologías, el conocimiento específico de los lugares sigue siendo un elemento que regula en cierta medida el acceso a la ola más que a la playa.

Otro de los procedimientos descriptos por los surfistas tiene que ver con el conocimiento y las posibilidades de destreza. Por otro lado, el saber leer la información y conocer los lugares, la experiencia multisensorial de los mismos, es algo que confiere prestigio y al mismo tiempo da más elementos para encontrar las playas con olas.

Este relato pone de relieve la diferencia entre acceder a la información “técnica” (proporcionada por las páginas webs) del estado del clima, a experimentarlo (Manhaes Prado, 2012). La diferencia con vivenciar el tiempo y saber en la práctica que significado tiene, que ocurre en el movimiento. En palabras de Ingold (2012): “se trata más de conocer a través de la práctica que de aplicar el conocimiento en la práctica” (Ingold; 2012:40).

## CONCLUSIONES

El “estar ahí”, como se concluye del análisis anterior, es una dimensión que surge en el intercambio con los interlocutores- en la que se presenta una continuidad entre las distintas actividades, en un espacio con características de liminalidad, que los enfrenta al

cambio y al movimiento y donde la agencia humana se vincula muchas veces a los ciclos de la naturaleza. “El hecho de estar en contacto directo con el lugar, muestrear, aunque te mojes pases frío, a veces pasas hambre que yo que sé qué, pero esa parte es como la que más viste, sobre todo cuando son más jóvenes ¿no? (risas) yo ya estoy medio cansado de pasar frío ahora quiero que sean otros, pero no el placer de estar en contacto con el lugar...” El gusto por estar en el lugar, por el mar, surge junto a la experiencia dual de sufrimiento y disfrute.

En este sentido, la experiencia auténtica para biólogos de campo, surfistas de alma, pescadores de mano, es multisensorial. Los olores, temperaturas, sonidos, aparecen muchas veces, a excepción de los biólogos de campo quienes no siempre lo explicitan, como garantía de la autenticidad y legitimidad de sus prácticas y conocimientos, en los relatos nativos. Y estos los distinguen de otras relaciones, como ser la de los pescadores novatos, recién llegados, biólogos teóricos o modelistas, bio-informáticos, surfistas pro. En este sentido, una de las tareas que surge como un elemento fundamental para el aprendizaje de las prácticas analizadas es la observación del entorno, la experiencia del entorno.

En relación a la construcción de la jerarquía, entre los distintos tipos de biólogos, se observa que los datos generados desde “el campo”, en la experiencia multisensorial del entorno y al mismo tiempo sistemática y controlada, son necesarios porque sin ellos no puede modelarse, pero lo prestigioso en lo académico pareciera ser modelar, porque eso te garantiza publicar en revistas arbitradas internacionales y la “biología descriptiva” no te lo permite de igual modo. Por otra parte la cuestión del disfrute del mar y la costa aparecen más ligados a la actividad del trabajo de campo y a los biólogos de campo, por más que, como señalé anteriormente, estos recursos y repertorios tienen matices y diversas formas de conjugarse en los actores sociales.

Esa experiencia multisensorial “se nutre tanto del ‘aquí’ y ‘ahora’ como de múltiples escalas, tiempos y espacios en relación con los cuales el aquí y ahora adquieren sentido” (Segura, 2015: 72).

En esta dirección, Lindon (2006) ha señalado que esta

experiencia se conforma a través de un juego de espejos múltiples en los cuales el sujeto contrasta el lugar en el que está ahora (el aquí) con otros lugares vividos anteriormente e incluso imaginados. Esos otros lugares vividos e imaginados son referencias indirectas a otras escalas espaciales, pero se entrelazan en la conformación del sentido que les atribuye al lugar presente. (Lindon, 2006; en Segura, 2015: 72)

Y a nivel sensorial, en este análisis, es significativo lo relativo a la pregunta de en qué medida “la experiencia de lo exterior está mediada por determinados órganos sensoriales y vías neurales. En tal medida, los objetos son creación mía, y mi experiencia de ellos es subjetiva, no objetiva” (Bateson, 1982: 42).

El estar allí, como señalé antes, también implica verse interpelado por otros actantes, humanos y no-humanos, que cobran significado en la interpenetración entre entidades múltiples.

Observamos asimismo de qué manera, en este proceso, muchas veces las nuevas tecnologías han mediado en la relación de los individuos en las distintas prácticas. Para el caso del surf, esto incidió en la observación y el estar ahí, puesto que años atrás existía un peso mayor del conocimiento práctico, in situ, al que se observa actualmente, y en algunos casos de la mediación de otros: humanos o cámaras que registrasen las olas en tiempo real. En este sentido, al igual que se observa para los pescadores, disminuye la relevancia de la mediación del experto en algunas dimensiones, en el acceso a los bienes naturales (olas y peces). No obstante, para algunas especies sigue siendo necesario el saber escuchar y observar sus dinámicas y el entorno (social y ecológico). El patrón mantiene su jerarquía por su conocimiento, que destaca la relación con un espacio y sus cambios, a lo largo del tiempo.

En esta dirección, coincidimos con Adomilli cuando, en su estudio sobre la pesca embarcada, señala que

en el caso de los barcos, se perdió el referencial del paisaje costero como marcación de los territorios. Para encontrar los cardúmenes, se utilizan ecosondas, inclusive en la laguna. Con todo, las innovaciones tecnológicas, como ecosondas y otros aparatos, no significan exactamente una pérdida del conocimiento de los mestres acerca de la localización de los cardúmenes y del medioambiente marítimo. Al contrario, apuntan la necesidad de cierto conocimiento y capacidad náutica, con el fin de prever el comportamiento de los peces y los lugares que existen en el fondo del mar, anticipándose a los movimientos de determinadas especies. Esto ocurre mediado por los aparatos modernos, en el caso de los barcos de enmalle, estos no son tan precisos como se podría suponer, siendo necesario aliar el dominio técnico al conocimiento marítimo. (Adomilli, 2007: 211)

Al mismo tiempo, las nuevas tecnologías aplicadas a la modelación de las tablas de surf y confección de trajes han permitido surfar olas antes no surfables por la imposibilidad de acceso ante las inclemencias del tiempo o por la imposibilidad de maniobrar con las tablas hasta el momento existentes.

Para los surfistas, el dinamismo de la costa hace necesario el estar allí, lo que sigue siendo relevante para la comparación entre lo que se encuentra en internet mediante la aplicación de Windguru sobre el estado del tiempo y las olas, y lo que se observa en el sitio; así se aprende a interpretar los datos de internet. Estos no posibilitan la misma lectura que el ir al lugar y ver cómo funciona el mar y cada playa, in situ, donde además se puede hablar con algún surfista local, que conoce el lugar y a los otros actantes.

En esta misma dirección, los biólogos, incluso los bioinformáticos, señalan que no es lo mismo ir a tomar las muestras que bajar los datos desde internet, pues estos tienen vacíos de información. Sin embargo, como vimos anteriormente, la introducción de las

nuevas tecnologías en la fase de producción de datos o muestreo no se restringe a los biólogos bioinformáticos o computacionales, sino que los biólogos de campo incorporan diferentes dispositivos para aumentar el cúmulo de datos sobre el entorno o incorporarlos en el proceso de muestreo, generando estaciones de medición, instaladas de forma permanente en algunos sitios. De lo anterior se observa que se siguen realizando las actividades de muestreo en el campo, pero a la par de esto se genera un monitoreo cada vez más mediado por instrumentos de medición electrónicos, que requieren de financiamiento para su compra y mantenimiento.

Observamos que las nuevas tecnologías no suplantán el conocimiento anterior, sino que se utilizan como complemento del conocimiento de los actores sociales in situ. Se observa que se incorpora una nueva forma de comunicación y fuente de información.

Por un lado, de lo anterior concluimos que en los repertorios de pescadores de mano, biólogos de campo, naturalistas y surfistas de alma una parte importante del foco de sus prácticas está en la experiencia del sujeto y en lo que Ingold y Kurtila (2000) entienden como los conocimientos generados en las prácticas de localidad (LTK), producto de la experimentación perceptual del ambiente (Manhaes Prado, 2012: 180). Lo que se extiende asimismo para los otros repertorios, aunque no se active este elemento explícitamente como recurso.

Por otro lado, se observa que las “claves de significado” son transmitidas a los novatos en circunstancias y experiencias diversas. De acuerdo al planteo de Ingold, los novatos aprenden a percibir el mundo que los rodea a través de claves de significado. En los repertorios que analicé, observamos la importancia que tiene para la adquisición de estas claves la educación multisensorial y al mismo tiempo el privilegio del conocimiento que la gente tiene de su vivir, de su experiencia de transitar todos los días en el mundo (Ingold, 2012).

En este sentido, nos encontramos con “conocimientos situados” (Haraway, 1995). De esta etnografía se desprende que las ciencias se desarrollan en lugares concretos, partiendo de otros lugares, subjetividades, al mismo tiempo, que son multilocalizados y están atravesados por situaciones cotidianas, humanas y no humanas.

Al respecto, como antropóloga social, el estar ahí, la experiencia multisensorial fue una fuente de información permanente a lo largo de la investigación y la escritura propiamente dicha. Durante los encuentros y charlas con los interlocutores, mis sentidos se agudizaron buscando estar ahí, lo más cercanamente posible al estar ahí de ellos. En este sentido, estar alerta a los olores así como a los sonidos me permitió compartir momentos del habitar de surfistas, pescadores y biólogos durante sus prácticas y cotidianidad de sus vidas, en sus distintos roles.

En este sentido, en cada una de las etapas de la etnografía, mis vivencias como investigadora y habitante de la costa incidieron en los resultados. La forma de acceder al estudio de los sentidos y los significados es la vivencia, por lo que la participación se

presentó como imprescindible, como “condición sine qua non del conocimiento [...] Las herramientas son, pues, la experiencia directa de los órganos sensoriales y la afectividad que, lejos de empañar, esclarecen y explican” (Guber, 1991: 177).

En esa misma dirección, el proceso es entendido por Pálsson (1994), a partir de sus estudios de la pesca en Islandia, como el “ensilkment” personal, tanto en la pesca como en el trabajo etnográfico, que significa no internalizar mecánicamente el stock de conocimientos sino estar activamente acoplado con el medioambiente. Esta perspectiva, enseñada por las teorías de la práctica, resuena con distintos aspectos del discurso islandés; mientras discuten el ensilkment, los islandeses, algunas veces, se refieren a aprender sobre pesca como a la recuperación de la marea, con la expresión: “Conseguir o tener las piernas del mar” (Pálsson, 1994).

En este sentido, profundizar en la experiencia de la localidad, del estar allí en sus múltiples facetas y presentaciones, aspecto que, como mencionamos, es una de las continuidades entre algunos actores sociales, me llevó a reflexionar sobre las prácticas de localidad y el conocimiento que surge en ese proceso. Por lo que el lugar de la experimentación del entorno y la relación con otros, así como los sentidos múltiples que atraviesan los cuerpos, junto a lo afectivo y cognitivo, han sido un eje de análisis relevante.

## REFERENCIAS

ADOMILLI, G., (2007), “Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima. Tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte- RS”. Tese de Doutorado, PPGAS - UFRGS, Porto Alegre.

BATESON, Gregory (1982). Espíritu y Naturaleza. Buenos Aires: Amorrortu.

COLAÇO, J. (2015) “Quanto Custa ser Pescador Artesanal? Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal”, Editora Garamond, Río de Janeiro.

CORBINA., (1989), “O Território do Vazio. A praia e o imaginário ocidental”, Companhia das letras, San Pablo.

D'AMBROSIO, L.; LEMBO, V.; AMATO, B.; THOMPSON, D. (2010) “El mundo Sumergido. Una investigación antropológica de la pesquería del mejillón en Piriapolis y Punta del Este”, Publicaciones de FHUCE, Montevideo.

-DIEGUES, A., (2003) “A interdisciplinariedade nos estudos do mar: o papel das ciencias sociais”, Conferência proferida na XV Semana de Oceanografia, USP, Sao Pablo.

DIAZ DE GUERRA, M. (2008) “Historia de Maldonado”, Tomo I, Ediciones de Viana, Montevideo.

GEO-Uruguay. 2008. Informe del Estado del Ambiente. CLAES-PNUMA-DINAMA. Montevideo.



INGOLD, T. (2000) *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. 6. ed. ed., p. 465. London and New York: Routledge.

(2012) *Ambientes para la vida. Conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología*, Montevideo: Editorial Trilce.

LATOUR, B. (2005) "Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red", Buenos Aires: Editorial Manantial.

(2007) [1991] *Nunca Fuimos Modernos. Ensayo de Antropología Simétrica*, Buenos Aires, Siglo XXI.

SEIJO, C., (1945) "Maldonado y la Región", *El siglo Ilustrado*, Montevideo.

MALDONADO, S. (1994), "Mestres y Mares: espaço e indivisão na pesca marítima", Annablume editora, São Paulo.

MANHAES PRADO, R. "Viajen pelo conceito de populações tradicionais, com aspas". In: STEIL, A.; CARVALHO, C. (org.). *Cultura, percepção e ambiente. Diálogos com Tim Ingold*. San Pablo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MILTON, K., (1997) "Ecologías: antropología, cultura y entorno", Disponible en: [http:// www.uiversidadur.edu.uy/retema/archivos/Antropologia\\_Cultura\\_Entonno\\_Milton\\_K.pdf](http://www.uiversidadur.edu.uy/retema/archivos/Antropologia_Cultura_Entonno_Milton_K.pdf).

NOEL, G. D., (2013) "De los Códigos a los Repertorios: Algunos Atavismos Persistentes Acerca de la Cultura y una Propuesta de Reformulación" en *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, (3)2.

REBORATTI, C. (2001) "Una cuestión de escala: sociedad, ambiente, tiempo y territorio" en *Sociologías*, (3)5, UFRGS.

SEGURA, R., (2015) "Vivir afuera. Antropología de la experiencia urbana", UNSAM Edita, Buenos Aires.

THER, F. (2006) "Complejidad territorial y sustentabilidad: notas para una epistemología de los estudios territoriales" En: *Horizontes Antropológicos*, vol.12 no.25 Porto Alegre.

WHEATON, B. (2004) *Understanding Lifestyle sports: consumption, identity and difference.*, London, Routledge.

WRIGHT, P. *Ser-en-el-sueño. Crónicas de historia y vida toba*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ancestralidade 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 75

Antropologia 1, 2, 18, 20, 38, 41, 42, 43, 44, 62, 63, 66, 74, 96, 114, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 152, 153, 158

### C

Comunidade quilombola 64, 65, 71, 73, 75

Consumismo 139, 140, 147, 148

Consumo 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 121, 122, 123, 131, 134, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149

Cultura 10, 12, 15, 18, 19, 29, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 75, 76, 81, 96, 102, 114, 116, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 135, 136, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 165, 166

### D

Dependência química 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Drogas 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

### E

Estado 6, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 52, 56, 61, 62, 66, 91, 93, 95, 97, 100, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 118, 131, 132, 154, 155, 158, 161, 163, 165, 166

Etnicidades 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 19

Etnógrafos 1, 3

### F

Formas simbólicas 8, 9, 10, 15, 18

### G

Gênero 9, 20, 21, 22, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 97, 98, 99, 103, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 142, 165

### I

Identidade étnica 8, 10, 11, 19

### J

Jovens 1, 56, 57, 69, 100, 101, 102, 110, 160, 162

## **M**

Mar 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 110

Mudanças climáticas 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 59

## **N**

Natureza 3, 6, 10, 12, 21, 25, 29, 35, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 58, 70, 73, 116, 117, 118, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144

## **O**

Ontologia Tsonga-Tumbuluko 52

## **P**

Pesquisa de campo 64, 98

## **R**

Recursos naturais 124, 125, 128, 131, 132, 134, 136

Redes locais de cuidado 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Reduccionismo 139

## **S**

Saber profissional 1, 2, 7


Sexo 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 102, 104, 110, 117, 118, 119, 122

## **T**

Transexualidade 20

## **V**

Virada ontológica 40, 42, 43, 48, 49




# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 